

dossiê a invenção da antiguidade

# a carta prefacial do *cícero novo* de leonardo bruni

the prefatory letter to leonardo bruni's *cicero novus*

adriano scatolin<sup>1</sup>

## resumo

Na carta prefacial que abre seu *Cícero Novo*, Leonardo Bruni estabelece os critérios de escrita de sua biografia, contrapondo-se polemicamente a Iacopo Angeli e Plutarco e imitando de múltiplas formas as obras de Cícero. Este artigo busca mostrar a natureza da imitação ciceroniana feita por Bruni e de sua polêmica com Angeli do ponto de vista tradutológico.

## palavras-chave

Leonardo Bruni; Cícero; Iacopo Angeli; *Cícero Novo*; emulação.

## abstract

*In the prefatory letter that opens his Cicero Novus, Leonardo Bruni establishes the criteria for writing his biography, polemically opposing Iacopo Angeli and Plutarch and imitating in multiple ways the works of Cicero. This paper seeks to show the nature of Bruni's Ciceronian imitation and his polemic with Angeli from a translational perspective.*

## keywords

Leonardo Bruni; Cicero; Iacopo Angeli; *Cicero Novus*; *aemulatio*.

<sup>1</sup> Professor Doutor de Língua e Literatura Latina do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: adrscatolin@usp.br

## INTRODUÇÃO

Na carta a Niccolò Niccoli que serve de prólogo a seu *Cícero Novo* (C.N. 1–3), Leonardo Bruni enuncia as circunstâncias que o teriam levado à escrita de sua biografia de Cícero, bem como os critérios gerais que teria adotado em tal composição.<sup>2</sup> De acordo com seu relato, Bruni se teria deparado com uma tradução latina da *Vida de Cícero* de Plutarco. O autor da tradução, que não nomeia, era Iacopo Angeli da Scarperia (c. 1360–1410/11 — morto, portanto, poucos anos antes da escrita do *Cícero Novo*, de 1413), que, a exemplo de Bruni, pertencera ao círculo de Coluccio Salutati e estudara grego com Manuel Crisoloras. Segundo Bruni, a tradução de Angeli apresentava dois tipos de problema: 1) erros provocados por desconhecimento das letras gregas; e 2) um texto cuja escrita era desarmoniosa e não correspondia exatamente ao original.

Desapontado com a tradução de Angeli, o autor teria, então, decidido retraduzir a obra plutarquiana. Com o avanço do trabalho, porém, sofreria nova decepção, desta vez relacionada aos critérios de escrita de Plutarco. Para o Aretino, tais critérios eram problemáticos em pelo menos três aspectos: 1) o biógrafo omitira muitos elementos da vida de Cícero; 2) complementarmente, o que decidira narrar parecia servir mais à comparação com Demóstenes do que à narração da vida de Cícero; e 3) o autor fora tendencioso, ao comparar Cícero desfavoravelmente com Demóstenes.

Ainda segundo a carta, Bruni teria, num terceiro momento, deixado de lado tanto a *Vida de Cícero* plutarquiana como a tradução de Angeli, para compor uma nova biografia do Arpinate, baseada em critérios e métodos diversos: não mais uma tradução, mas uma obra própria, segundo seu arbítrio e sua vontade, descrevendo a vida, os costumes e os feitos de Cícero, a partir da leitura direta de fontes latinas e gregas, e capaz de justificar a escolha e a seleção de cada um de seus detalhes.

Bruni encerra a carta com dois pedidos: depois de ler atentamente a obra, Niccoli, se a considerar digna, deve possibilitar a outros que a leiam; aos demais leitores, o autor exorta a que o imitem e emulem, escrevendo também eles uma vida de Cícero que atenda aos critérios exigidos para a elocução (refinamento) e a invenção (plausibilidade).

Neste artigo, analisaremos 1) a imitação multifacetada que Bruni faz de Cícero na carta prefacial do *Cícero Novo*, buscando apontar sua apropriação engenhosa de conceitos, situações, formulações e textos específicos ciceronianos, e 2) a polêmica tradutológica com Iacopo Angeli. Mostraremos que os critérios de tradução a que apenas se acena na carta são desenvolvidos e aprofundados em outras passos da obra bruniana, particularmente em seu tratado sobre tradução, o *De interpretatione recta*, e em várias cartas, lançando luz sobre as críticas do autor ao rival.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no V Colóquio “Autores do Renascimento” da Universidade de São Paulo, em 2022. O autor agradece ao professor Ricardo da Cunha Lima, organizador do evento, pelo convite para a conferência e ao público presente pela apreciação do trabalho; agradece ainda a Fabrina Magalhães Pinto pela disponibilização de rico material bibliográfico bruniano.

Para a tradução do *Cícero Novo* (C.N.), utilizamos a edição de VITI, P. (ed.) *Leonardo Bruni. Opere letterarie e politiche. Classici*. Torino: UTET, 2013, acrescentando-lhe, para maior facilidade no rastreamento das referências, a numeração de seções dentro de cada capítulo. As traduções do *De interpretatione recta* (*Int. Rect.*) foram feitas a partir da edição de BERNARD-PRADELLE, L. (ed.) *Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento*. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions, 2008; as das cartas de Bruni (*Ep.*), a partir da edição de MEHUS, L. (ed.) *Leonardi Bruni Epistolarum Libri VIII*. Florentiae: Ex Typographia Bernardi Paperinii, 1741, citadas segundo a notação livro-carta-página. Adotamos, ainda, as abreviaturas *Dial.* para os *Diálogos a Pier Paolo Vergerio e Isag.* para a *Introdução à filosofia moral*. As abreviaturas das obras antigas seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary*.

<sup>3</sup> Não há espaço, neste artigo, para a contraposição de Bruni a Plutarco, que demanda a consideração atenta de todo o *Cícero Novo*. Já realizamos parcialmente tal pesquisa em outros artigos (SCATOLIN, A. “*Cicero Novus*, de Leonardo Bruni: *De consulatu Ciceronis*”. Em: *Revista Sísifo* 13, 2021, pp. 235–268; SCATOLIN, A. “Leonardo Bruni, *Cicero*

## A CARTA PREFACIAL DO CÍCERO NOVO

Começamos pela tradução da carta prefacial, que citamos na íntegra, apesar de sua extensão, por conta de seu ineditismo em língua portuguesa e da análise pormenorizada que virá em seguida.

1. [1] *Otioso mihi nuper ac lectitare aliquid cupienti oblatus est libellus quidam ex Plutarcho traductus, in quo Ciceronis vita contineri dicebatur. [2] Illum ego etsi sepe alias diligenter et accurate in greco legeram, tamen latine quoque videre gliscens cum percurrere cepissem, animadverti statim (neque enim obscuri erant errores) eum qui transtulerat bonum quidem virum sed non satis eruditum, [3] partim ignoratione grecarum litterarum in multis prolapsum, partim ariditate quadam ingenii parum responderem parumque concinne ea ipsa in quibus non prolapsus fuerat transtulisse.*
2. [1] *Itaque indolui equidem Ciceronis vicem, et mecum ipse indignatus sum quod in eo viro littere nostre adeo mute reperirentur, qui vel solus ne mute forent sua diligentia prestitisset. [2] Huic ergo deformitati latine lingue pro virili mea succurrere aggressus, confestim greco volumine requisito traductionem ex integro inchoavi. [3] Et opus sane ab initio satis luculenter procedere videbatur: mox vero ut progredior, et ob convertendi diligentiam singula queque magis considero, ne ipse quidem Plutarchus desiderium mei animi penitus adimplevit. [4] Quippe multis pretermisis, que ad illustrationem summi viri vel maxime pertinebant, cetera sic narrat, ut magis ad comparationem suam, in qua Demosthenem preferre nititur, quam ad sincerum narrandi iudicium accommodari videantur.*
3. [1] *Nos igitur et Plutarcho et eius interpretatione omissis, ex iis que vel apud nos vel apud Grecos de Cicerone scripta legeramus, ab alio exorsi principio vitam et mores et res gestas eius maturiore digestione et pleniore notitia, non ut interpretes sed pro nostro arbitrio voluntateque, descripsimus. [2] Est autem nihil a nobis temere in historia positum, sed ita ut de singulis rationem reddere et certa probatione asserere valeamus.*

[3] *Tu ergo, Nicolae, censor et iudex rerum nostrarum, Ciceronem hunc novum diligenter leges, et si non indignum putabis, aliis quoque legendi eius copiam facies. [4] Hortamur autem et provocamus omnes, qui ingenue eruditi eleganter et probabilius de iisdem rebus scribere poterunt, ut parenti et principi litterarum nostrarum suum quisque scribendi studium certatim exhibeat. [5] Nam neque ulli magis littere nostre debentur, quam illi qui eas nobis tradidit: et mihi tanti est Ciceronis honor, ut vehementer exoptem a multis de hoc ipso scribentibus superari. Vale.*

  1. [1] Recentemente, dispondo de tempo livre e desejoso de ler alguma coisa, deparei-me com a tradução de um opúsculo de Plutarco, que continha, segundo se dizia, a *Vida de Cícero*. [2] Embora não raro, em outras oportunidades, o tivesse lido em grego com apuro e atenção, exultante por também encontrá-lo em latim, comecei a folheá-lo, de pronto notando (os erros nem eram tão difíceis de encontrar) que o tradutor, um homem de bem, é certo, mas não culto o bastante, [3] se por um lado tropeçara em vários passos por desconhecimento das letras gregas, por outro traduzira de maneira pouco exata e pouco harmoniosa, por falta de talento, justamente os passos em que não tropeçara.
  2. [1] Diante disso, condoí-me da sorte de Cícero, indignando-me, em meu íntimo, por encontrar um silêncio tão grande de nossas letras acerca de um homem que assegurara praticamente sozinho, com seu empenho, que elas não silenciassem. [2] Procurando, então, na medida de minhas forças, remediar essa deturpação

---

*Novus 4–14". Em: Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios. Edição especial, 2022, pp. 125–143), num trabalho ainda em andamento. Cf. também FRYDE, E. B. *Humanism and Renaissance Historiography*. Vol. 21. London: The Hambleton Press, 1983, 33–53; TAKADA, Y. "Leonardo Bruni's Cicero Novus". Em: 4th Conference of the International Society for Classical Tradition, 1998, pp. 65–79; ESPOSITO, P. "La morte di Cicerone da Livio a Fruttero & Lucentini". Em: *Cicerone tra antichi e moderni. Atti del IV Symposium Ciceronianum Arpinas*. Ed. por E. Narducci. Firenze: Felice Le Monnier, 2004, p. 90, n. 9; IANZITI, G. *Writing History in Renaissance Italy. I Tatti studies in Italian Renaissance history*. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012, 44–60.*

da língua latina, de pronto solicitei o volume grego e comecei a retraduzi-lo. [3] E de início o trabalho parecia andar esplendi-damente. Depois, porém, conforme começo a avançar e refletir mais a fundo, em meu zelo tradutológico, sobre cada detalhe, nem mesmo Plutarco foi capaz de realizar plenamente meu desejo. [4] De fato, ele omite muitos elementos que seriam particularmente relevantes para lançar luz sobre tão grande homem, e, no restante da narrativa, parece narrar mais o que se conforma à sua comparação, em que se esforça por colocar Demóstenes em posição superior, do que a um critério narrativo puro.

3. [1] Nós, então, deixamos de lado tanto Plutarco como a sua tradução e baseamo-nos na leitura do que nossos autores ou os gregos escreveram sobre Cícero; partindo de outro princípio, com uma ordenação mais desenvolvida e um conhecimento mais pleno, des-crevemos sua vida, seus costumes, seus feitos, não como tradutores, mas segundo nosso arbítrio e vontade. [2] Não acrescentamos nenhum elemento inconsiderado a nossa história, sendo capazes de justificar e sustentar cada um deles segundo um critério preciso. [3] Portanto, tu, Niccolò, corretor e crítico de nossos escritos, lerás com atenção este *Cícero Novo* e, se não o julgares indigno, darás também a outros a oportunidade de lê-lo.

[4] Exortamos, ademais, e convocamos a todos os que, educados nas artes liberais, puderem escrever de maneira mais refinada e plausível sobre os mesmos temas, a que, em espírito de competição, cada um exiba, para o pai e fundador de nossas letras, a própria inclinação pela escrita. [5] É que nossas letras devem muito mais a ele, que as legou a nós, do que a qualquer outra pessoa, e tenho Cícero em tão alta estima, que desejo fortemente ser superado por muitos que vierem a escrever sobre ele. Adeus.

## A CHAVE DE LEITURA DO PRÓLOGO: IMITAÇÃO E EMULAÇÃO

Comecemos por C.N. 3.4, que oferece, a nosso ver, a chave de leitura do *Cícero Novo*. Esse passo é crucial porque Bruni projeta sobre os futuros autores de obras sobre Cícero seus próprios critérios de escrita, explicitando-os: a escrita, de acordo com a prescrição do autor, deve ser uma espécie de homenagem ao Arpinate, fazendo jus a ele; ao mesmo tempo, é preciso tentar superar os antecessores. O termo-chave para a questão da emulação é *certatim* (traduzido por “em espírito de competição”). O critério para a escrita e a emulação dos antecessores, por sua vez, é retórico e duplo: de um lado, diz respeito à elocução (*elegantius*, “de maneira mais refinada”); de outro, à invenção (*probabilius*, “[de maneira mais] plausível”).<sup>4</sup>

## A IMITAÇÃO DE CÍCERO

A imitação de Cícero na carta prefacial é sutil e multifacetada, dizendo respeito à apropriação de conceitos e à retomada de formulações, ambientações e mesmo textos específicos. Detenhamo-nos sobre cada um desses tipos.

### A fórmula introdutória

Já na abertura da carta prefacial temos a imitação de uma construção característica de Cí-cero. Trata-se de uma espécie de fórmula exordial solene, que Cícero usa para dar início a diálogos ou mesmo a cartas.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Há também um aceno à emulação (de Plutarco, no caso) do ponto de vista da disposição da narrativa, em C.N. 3.1: *maturiore digestione* (“com uma ordenação mais desenvolvida”).

<sup>5</sup> Cf. Cic. Fam. 4.13.1 e 7.3.1. Também Bruni usará a fórmula numa carta (Ep. 9.9.155). Para o uso da construção em Cícero, cf. LAUGHTON, E. *The Participle in Cicero*. Oxford: Oxford University Press, 1964, 37–38, citado por LEEMAN, A. D. e PINKSTER, H. M. *Tullius Cicero. De oratore libri III*. 1. Band: Buch I, 1–165. Carl Winter, 1981, 27.

*Otioso mihi nuper ac lectitare aliquid cupienti oblatus est libellus quidam ex Plutarcho traductus, in quo Ciceronis vita contineri dicebatur.*

Recentemente, dispondo de tempo livre e desejoso de ler alguma coisa, deparei-me com a tradução de um opúsculo de Plutarco, que continha, segundo se dizia, a Vida de Cícero. (Bruni C.N. 1.1)

*Cogitanti mihi saepe numero et memoria vetera repetenti perbeati fuisse, Quinte frater, illi videri solent, qui in optima re publica, cum et honoribus et rerum gestarum gloria florarent, eum vitae cursum tenere potuerunt, ut vel in negotio sine periculo vel in otio cum dignitate esse possent.*

Refletindo inúmeras vezes e rememorando os tempos antigos, Quinto, meu irmão, costumam parecer-me extremamente ditosos aqueles homens que, no apogeu da República, conseguiram manter um curso de vida que lhes permitisse permanecer ativos sem perigo ou inativos com dignidade. (Cic. *de Orat.* 1.1)

*Quaerenti mihi multumque et diu cogitanti, quanam re possem prodesse quam plurimis, ne quando intermitterem consulere rei publicae, nulla maior occurrebat, quam si optimarum artium vias traderem meis civibus; quod conpluribus iam libris me arbitror consecutum.*

Questionando-me e refletindo longa e demoradamente sobre como eu poderia ser útil ao maior número de pessoas possível, a fim de em momento algum interromper minha atividade em prol da República, não me ocorria uma que fosse mais importante do que transmitir a meus concidadãos os métodos das artes liberais — e creio já ter conseguido fazê-lo em numerosos livros. (Cic. *Div.* 2.1)

O confronto dos textos mostra que, embora não haja imitação lexical, a retomada da estrutura é clara. Em todos os exemplos, temos: 1) um sintagma em início de período; 2) uma divisão de tal sintagma em duas metades, coordenadas por uma conjunção (*ac* em Bruni, *et* em Cícero); 3) um ou mais participios presentes no caso dativo; 4) o pronome pes-soal *mihi*, em concordância com o(s) particípio(s); e 5) uma ou mais expressões denotando circunstância. Bruni, leitor atentíssimo de Cícero, reproduz, com sutileza e refinamento, o tom solene da construção original, aplicando-a a um contexto análogo, o exórdio de um livro e o início de uma reflexão. Se compararmos o trecho do *Cícero Novo* com o do *De oratore*, ademais, a imitação da construção parece ser até mesmo da cadência e do andamento da fórmula, com um número bastante próximo de sílabas em cada metade do sintagma.

## O otium

Ao fazer uso do termo *otioso*, no início da fórmula introdutória, Bruni se apropria de um lugar-comum das obras dialógicas de Cícero, a dizer, a ideia de que o momento para a dedicação aos estudos, à reflexão, à leitura e à escrita é o do *otium* (“ócio”, “tempo livre”), ou seja, apenas e tão somente quando as ocupações com a vida pública o permitem, ideia que é retomada, de uma forma ou de outra, em praticamente todos os diálogos de Cícero.<sup>6</sup> A título de exemplo, fiquemos com o *De oratore*, que formula a ideia de maneira claríssima:

*sed tamen in eis vel asperitatibus rerum vel angustiis temporis obsequar studiis nostris et quantum mihi vel fraus inimicorum vel causa amicorum vel r(es) p(ublica) tribuet otii ad scribendum potissimum conferam.*

<sup>6</sup> Cf. LEVINE, Ph. “Cicero and the Literary dialogue”. Em: *The Classical Journal* 53.4, 1958, p. 147.

No entanto, seja em meio a tais adversidades da situação, seja em meio a tal falta de tempo, ocupar-me-ei de nossos estudos, e o quanto a perfídia dos inimigos, a causa dos amigos ou a vida pública concederem-me de ócio, eu o dedicarei sobretudo a escrever. (Cic. *de Orat.* 1.3)

Ora, tal ideia, praticamente onipresente, como dissemos, nos diálogos de Cícero, repete-se também na obra de Bruni, tanto em seus diálogos como em sua correspondência.<sup>7</sup> Bruni não apenas faz uso do conceito tomado a Cícero, mas também emprega tal *locus* em contextos análogos aos que vemos na obra do Arpinate — ou seja, temos não apenas uma apropriação conceitual, mas também a imitação literária do uso de tal conceito, no mesmo tipo de situação em que ele é usado na obra do Arpinate.

### A imitação da carta a Quinto (Cic. Q. fr. 3.5.1)

Passemos agora a um exemplo de imitação ciceroniana de outra natureza. Neste caso, temos a imitação, não de uma construção típica, como no caso da fórmula introdutória, mas de um texto específico, a que Bruni aludirá intertextualmente. O texto imitado por Bruni é uma carta de Cícero a seu irmão Quinto na qual discute o andamento da escrita do diálogo *De re publica*, em sua primeira versão. No passo correspondente do *Círcero Novo* (2.3), Bruni também discute o andamento de uma primeira versão de sua biografia, que consistia, como vimos, na retradução da *Vida de Círcero* plutarquiana, como correção da versão de Iacopo Angeli.

*Et opus sane ab initio satis luculenter procedere videbatur: mox vero ut progre-dior, et ob convertendi diligentiam singula queque magis considero, ne ipse qui-dem Plutarchus desiderium mei animi penitus adimplevit.*

E de início o trabalho parecia andar esplendidamente. Depois, porém, conforme começo a avançar e refletir mais a fundo, em meu zelo tradutológico, sobre cada detalhe, nem mesmo Plutarco foi capaz de realizar plenamente meu desejo. (Bruni C.N. 2.3)

*Sane texebatur opus luculente hominumque dignitas aliquantum orationi ponderis adferebat. Ii libri cum in Tusculano mihi legerentur audiente Sallustio, admonitus sum ab illo multo maiore auctoritate illis de rebus dici posse si ipse loquerer de re publica [...].*

A escrita da obra prosseguia esplendidamente, e o prestígio desses homens [sc. as personagens do diálogo] conferia algum peso ao discurso; quando ouvi, na companhia de Salústio, a leitura desses livros na minha vila de Túsculo, ele me advertiu que seria possível tratar aqueles temas com muito mais autoridade se eu falasse de política na minha própria pessoa [...]. (Cic. Q. fr. 3.5.1)

O paralelo das situações é claro: em ambos os casos, os autores se dedicam à composição de uma obra, mas se deparam com uma surpresa desagradável que vai alterar o rumo e a natureza do texto composto. No caso de Cícero, a surpresa desagradável é a crítica feita pelo amigo Gneu Salústio: depois de ouvirem a leitura de um trecho da versão preliminar do *De re publica*, Salústio critica a construção das personagens no diálogo. Para o amigo de Cícero, a escolha de situar o diálogo no passado não teria sido feliz. Mais interes-

<sup>7</sup> Cf. Bruni *Dial.* 5 (o diálogo se passará na Páscoa); *Isag.* 5 (o personagem Marcelino exorta o personagem Bruni a começar a discussão, ao perceber que este se encontra *otiosus*); cartas como secretário papal: *Ep.* 2.5.37 (em carta a Niccoli, Bruni observa que, livre das ocupações com a Sé Romana, aproveitou o tempo livre para traduzir um discurso de Demóstenes); 2.15.52 (Bruni e o amigo Zaccaria Trevisan aproveitam o tempo livre deste para tratar de livros e estudos); 3.19.96 (em carta a Niccoli, Bruni observa que aproveitou o tempo livre para traduzir o discurso de Ésquines *Contra Ctesifonte*).

sante, a seu ver, seria situá-lo no presente e ter Cícero como personagem principal, dotado de autoridade para falar de política por se tratar de um consular com vasta experiência na vida pública. Segundo a carta, isso abalou Cícero e o fez repensar a escrita do diálogo. Depois, porém, como sabemos pelo texto supérstite do *De re publica*, o autor voltou quase inteiramente ao plano inicial. Como quer que seja, Bruni não sabia disso, porque o diálogo ciceroniano só seria redescoberto séculos mais tarde, no século XIX. No caso de Bruni, a surpresa desagradável é a constatação de que os critérios de Plutarco para a composição de sua *Vida de Cícero* não lhe pareciam adequados, pelos motivos que expusemos na Introdução. Sem entrar no mérito das críticas de Bruni, que fogem ao escopo deste artigo, cabe observar que em seu caso, à diferença do que acontecera com Cícero, a mudança na natureza do texto foi definitiva.

Do ponto de vista da imitação de Cícero, assim, podemos dizer que temos um paralelo de situação, e que a alusão intertextual é clara e inequívoca: Bruni alude intertextualmente ao texto modelo por meio da retomada lexical, repetindo *opus, sane e luculente(r)*. A relação intertextual é reforçada, ainda, pelo uso do imperfeito (*texebatur/videbatur*) e, sobretudo, pelo contexto análogo. É de reparar, por fim, que, em carta a Niccoli, Bruni faz uso da mesma alusão em contexto idêntico, a escrita de uma obra. Desta vez, trata-se de um louvor ao mestre Coluccio Salutati depois da morte deste, projeto de obra que acabaria por não se concretizar.<sup>8</sup>

### Os critérios de escrita

Além do uso do *otium*, há outra apropriação conceitual na carta prefacial do *Cícero Novo*: Bruni imita também o *modus scribendi* de Cícero, ou seja, a maneira como o Arpinate con-cebe a escrita de sua obra filosófica, mais especificamente, o *De officiis*, por contraposição a suas fontes. Tal como no exemplo anterior, o confronto intertextual é essencial para compreendermos a relação feita por Bruni e para depreendermos sentidos não expressos textualmente na carta prefacial. Confrontemos os textos:

*Nos igitur et Plutarcho et eius interpretatione omissis, ex iis que vel apud nostros vel apud Grecos de Cicerone scripta legeramus, ab alio exorsi principio vitam et mores et res gestas eius matuiore digestione et pleniore notitia, non ut interpretes sed pro nostro arbitrio voluntateque, descripsimus.*

Nós, então, deixamos de lado tanto Plutarco como a sua tradução e baseamo-nos na leitura do que nossos autores ou os gregos escreveram sobre Cícero; partindo de outro princípio, com uma ordenação mais desenvolvida e um conhecimento mais pleno, descrevemos sua vida, seus costumes, seus feitos, não como tradutores, mas segundo nosso arbítrio e vontade. (Bruni C.N. 3.1)

*Sequimur igitur hoc quidem tempore et hac in quaestione potissimum Stoicos, non ut interpretes, sed, ut solemus, e fontibus eorum iudicio arbitrioque nostro quantum quoque modo videbitur, hauriemus.*

Seguimos, então, pelo menos neste momento e nesta questão, sobretudo os estoicos, não como tradutores, mas, como de costume, beberemos de suas fontes o quanto e como nos parecer bem, segundo nosso critério e arbítrio. (Cic. Off. 1.6)

---

<sup>8</sup> Cf. Ep. 2.1.28: *Quod autem de Colucii laudatione significari tibi postulas, procedit sane opus satis, ut michi videtur, luculente* (“Quanto a seu pedido de notícias sobre o *Louvor a Coluccio*, a obra, a meu ver, parece andar esplendidamente.”) Para o contexto deste projeto abortado, cf. IANZITI, G. *Writing History in Renaissance Italy. I Tatti studies in Italian Renaissance history*. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012, 34 ss.

Tal como no caso da imitação da carta a Quinto, temos, no confronto dos dois textos, o aceno a palavras e sintagmas do texto ciceroniano que não deixam dúvida quanto à relação entre os dois passos (cf. *non ut interpres; arbitrio*).<sup>9</sup> Ao mesmo tempo, ocorrem ligeiras variações (é de notar a posição de *nostro*, o uso da preposição *pro*, o acréscimo de *voluntate* em lugar de *iudicio*<sup>10</sup>). O contexto é o mesmo nos dois passos: em ambos os casos, trata-se do prólogo da obra, da discussão sobre o uso das fontes e, a partir desta, da enunciação dos critérios utilizados para a sua escrita. Torna-se claro que Bruni se pretende ciceroniano também no que se refere ao seu *modus scribendi*, o que se verificaria particularmente 1) na liberdade absoluta de seleção, supressão e acréscimo da matéria em relação à biografia plutarquiana de Cícero;<sup>11</sup> e 2) no uso de tal matéria para seus próprios fins.

Nas cartas de Bruni, por fim, vemos formulações análogas a esta. Ao tratar da escrita de seu *De bello italicico*, em *Ep. 9.9.156–157*, Bruni faz a mesma contraposição entre tradutor e autor, entre aquele que verte de um original e aquele que segue seu próprio critério de escrita.<sup>12</sup> Em *Ep. 10.24.196*, um dos critérios definidores da atividade de tradução é justamente o fato de o tradutor não ter liberdade de seguir seu próprio critério e arbítrio na escrita.<sup>13</sup>

## A EMULAÇÃO DE IACOPO ANGELI

### O histórico de rivalidade entre Bruni e Angeli

Leonardo Bruni e Iacopo Angeli tinham muitos elementos em comum: ambos haviam perten-cido ao círculo de Coluccio Salutati; ambos haviam sido estudantes de grego com o bizan-tino Manuel Crisoloras; ambos haviam realizado traduções das *Vidas* de Plutarco; e ambos, enfim, haviam trabalhado no Vaticano. As cartas 1.1 e 1.2 da correspondência bruniana, endereçadas a Salutati, contêm o relato da disputa entre os dois pelo cargo de secretário papal, que seria vencida por Bruni. Assim nosso autor descreve a rivalidade entre os dois:

---

<sup>9</sup> Discordamos da leitura de IANZITI, G. *Writing History in Renaissance Italy. I Tatti studies in Italian Renaissance history*. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012, 317, n. 20, que considera que o passo bruniano retoma também Cic. *Opt. gen. 14* (*nec converti ut interpres, sed ut orator*, “e não verti como tradutor, mas como orador”), e conclui: “Bruni’s words appear to transform Ciceronian statements on translation [...] into a statement on authorship.” Dois fatores nos fazem considerar o *De officiis* como a única obra imitada por Bruni no passo: 1) o contexto, já que tanto no passo do *Cícero Novo* como no do *De officiis* a discussão é sobre o uso de fontes, enquanto no *De optimo genere oratorum* Cícero expõe seus critérios de tradução; 2) a retomada de *arbitrio*, ausente do passo de *Opt. gen.* em questão.

<sup>10</sup> No que concerne a este termo, porém, é de notar que pouco antes, em *C.N. 2.4*, Bruni mencionara a sua busca de um *sincerum narrandi iudicium*, “um critério narrativo puro”, em substituição ao critério alegadamente parcial de Plutarco.

<sup>11</sup> Observemos, de passagem, que o *quantum quoque modo videbitur* (“o quanto e como nos parecer bem”) do passo ciceroniano, embora não retomado por Bruni, ilustra perfeitamente a operação feita pelo autor sobre a *Vida de Cícero* plutarquiana: “o quanto” porque Bruni faz não apenas acréscimos, como também cortes, no texto original; “como” porque, mesmo quando retoma um episódio ou comentário de Plutarco, Bruni não hesita em alterar detalhes de apresentação ou de interpretação.

<sup>12</sup> Se aplicarmos tal contraposição ao *Cícero Novo*, teremos uma obra mista, porque Bruni não deixa de seguir capítulos inteiros da *Vida de Cícero* plutarquiana, mas faz alterações de natureza múltipla sobre eles (cortes, omissões, acréscimos, inserções pontuais, mudanças de ênfase e de detalhe), algo que não poderia fazer num trabalho estrito de tradução. Para exemplos dos vários tipos de mudança da biografia plutarquiana, cf. SCATOLIN, A. “Leonardo Bruni, *Cicero Novus 4–14*”. Em: *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Edição especial, 2022, pp. 127–131.

<sup>13</sup> Cf. a discussão de IANZITI, G. *Writing History in Renaissance Italy. I Tatti studies in Italian Renaissance history*. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012, 18–19.

*Itaque video fortuna quadam mea fieri, ut cum quo dudum aemulo studiis litterarum Florentiae contendi, cum eodem michi nunc Romae sit de honore, dignitateque certandum.*

Assim, percebo que, por uma espécie de destino meu, vejo-me agora obrigado, em Roma, a disputar um cargo e uma posição com o mesmo rival com quem há algum tempo competi no estudo das letras, em Florença. (Bruni *Ep.* 1.1.2)

O mesmo espírito de rivalidade e emulação que caracterizara a relação entre Bruni e Angeli em Florença e, depois, em Roma, entraria agora em jogo na escrita do *Cícero Novo*.<sup>14</sup> Angeli publicara sua tradução da *Vida de Cícero* em 1401 e morrera poucos anos depois, em 1410 ou 1411. Ao que tudo indica, é sobretudo por esse motivo que Bruni não o cita nominalmente, na carta prefacial de sua biografia.

As críticas a Angeli e a sua tradução podem ser melhor compreendidas se as relacionarmos com discussões análogas que o autor faz sobre tradução em outros passos de sua obra. De fato, como veremos, há uma repetição de situações e conceitos, que lançam luz uns sobre os outros. Em todos os casos, observamos o mesmo movimento: Bruni 1) depara-se com uma tradução latina de um texto grego; 2) condói-se e indigna-se com os seus resultados, que critica em termos fortes; 3) propõe uma nova tradução em seu lugar, segundo critérios diferentes; e 4) expõe e defende tais critérios por escrito, em contexto polêmico. A única diferença, no caso do *Cícero Novo*, é que Bruni se decide, num segundo momento, a fazer uma obra própria, abandonando o projeto de tradução. À parte isso, o padrão é exatamente o mesmo.

Além da carta prefacial do *Cícero Novo*, esse padrão pode ser observado também no tratado que Bruni escreveu sobre tradução, o *De interpretatione recta* (“Da tradução correta”), e em três cartas (*Ep.* 4.22, 7.4 e 10.24), sempre em polêmica sobre sua tradução da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Embora nossa análise se centre no *De interpretatione recta*, também apontaremos os pontos em que as cartas coincidem com o tratado.

Comparemos a descrição da reação de Bruni a duas traduções que considerava inéptas: a de Angeli, da *Vida de Cícero* plutarquiana, e a de Roberto Grossatesta, da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles:

*Itaque indolui equidem Ciceronis vicem, et mecum ipse indignatus sum quod in eo viro littere nostre adeo mute reperirentur, qui vel solus ne mute forent sua diligentia prestitisset. Huic ergo deformitati latine lingue pro virili mea succurrere aggressus, confestim greco volumine requisito traductionem ex integro inchoavi.*

Diante disso, condói-me da sorte de Cícero, indignando-me, em meu íntimo, por encontrar um silêncio tão grande de nossas letras acerca de um homem que assegurara praticamente sozinho, com seu empenho, que elas não silenciassem. Procurando, então, na medida de minhas forças, remediar essa deturpação da língua latina, de pronto solicitei o volume grego e comecei a retraduzi-lo. (Bruni *C.N.* 2.1–2)

*Ego autem fateor me paulo vehementiorem in reprehendendo fuisse, sed accidit indignatione animi, quod, cum viderem eos libros in Greco plenos elegantie, plenos suavitatis, plenos inestimabilis cuiusdam decoris, dolebam profecto mecum ipse atque angebar tanta traductionis fece coquinatos ac deturpatos eosdem libros in Latino videre. Ut enim, si pictura quadam ornatissima et amenissima delectarer, ceu Protagonis aut Apellis aut Aglaophontis, deturpari illam graviter ferrem ac pati non possem et in deturpatorem ipsum voce manuque insurgerem, ita hos Aristotelis libros, qui omni pictura nitidiores ornatioresque sunt, coquinari cernens cruciabar animo ac vehementius commovebar.*

<sup>14</sup> Para um aprofundamento do histórico da rivalidade entre Bruni e Angeli, cf. HANKINS, J. “Manuel Chrysoloras and the Greek Studies of Leonardo Bruni”. Em: *Humanism and Platonism in the Italian Renaissance. I: Humanism*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2003, 251–252.

Reconheço ter sido um tanto ou quanto veemente em minha crítica, mas isso se deu por indignação, porque, ao ver aqueles livros, em grego, plenos de refinamento, plenos de encanto, plenos de uma graça preciosa, é claro que eu sofría em meu íntimo e me angustiava por ver os mesmos livros, em latim, maculados e desfigurados pela impureza tão grande daquela tradução. Tal como, se me deleitasse com uma pintura de extremo ornato e encanto, fosse ela de Protógenes, Apeles ou Aglaofonte, eu me enfureceria ao vê-la desfigurada, sem conseguir aceitá-lo, e ergueria a mão e a voz contra o próprio desfigurador, assim também, no caso destes livros de Aristóteles, que são mais brilhantes e ornados do que qualquer pintura, vendo-os serem maculados, eu me exasperava e comovia profundamente. (Bruni *Int. Rect.* 2)

## Dor e indignação diante de uma má tradução

O confronto entre os textos torna evidente que, embora Bruni seja mais contundente no *De interpretatione recta*, o movimento é o mesmo, e até parte do vocabulário é cognata (cf. *indolui~doletbam*; *indignatus sum~indignatione animi*; cf. também *Int. Rect. 3: indignantes*). Em ambos os casos, temos uma tradução com a qual Bruni se confronta em termos fortes: no *Cícero Novo*, é uma *deformitas latine lingue*, “uma deformação” ou “deturpação”, como traduzimos, “da língua latina”; no *De interpretatione recta*, o sentido é análogo: Bruni usa os verbos *deturpo*, “desfigurar”, e *coinquino*, “macular”, para descrever o que o tradutor medieval teria feito com o texto aristotélico em sua tradução. Em ambos os casos, temos uma reação forte de Bruni: dor e indignação no *Cícero Novo*; dor, indignação, angústia, exasperação e comoção no *De interpretatione recta*.<sup>15</sup>

## A crítica à tradução de Angeli

Passemos, agora, à análise pormenorizada da crítica de Bruni à tradução de Angeli.

*Illum ego etsi sepe alias diligenter et accurate in greco legeram, tamen latine quo-que videre gliscens cum percurrere cepissem, animadverti statim (neque enim obscuri erant errores) eum qui transtulerat bonum quidem virum sed non satis eruditum, partim ignoratione grecarum litterarum in multis prolapsum, partim ari-ditate quadam ingenii parum respondenter parumque concinne ea ipsa in quibus non prolapsus fuerat transtulisse.*

Embora não raro, em outras oportunidades, o tivesse lido em grego com apuro e atenção, exultante por também encontrá-lo em latim, comecei a folheá-lo, de pronto notando (os erros nem eram tão difíceis de encontrar) que o tradutor, um homem de bem, é certo, mas não culto o bastante, se por um lado tropeçara em vários passos por desconhecimento das letras gregas, por outro traduzira de maneira pouco exata e pouco harmoniosa, por falta de talento, justamente os passos em que não tropeçara. (Bruni *C.N.* 1.2–3)

*bonum quidem virum sed non satis eruditum*

Uma vez mais, o confronto com outros passos da obra de Bruni é revelador. O fato de Bruni elogiar Angeli antes de passar à sua crítica pareceria mero artifício protocolar, caso nos ativássemos ao passo do *Cícero Novo*. Porém, em outros passos em que Bruni discute tradução, podemos observar que há uma preocupação do autor, em

<sup>15</sup> Em *Int. Rect.* 49, ademais, Bruni observa que gême e ri ao mesmo tempo ao topar com os problemas do tradutor medieval de Aristóteles; em 52, brinca que o próprio Aristóteles sofreria e se indignaria! Para outras descrições de reação a traduções ineptas, cf. *Ep.* 4.22.139 (ira) e 140 (comoção e perturbação).

passos apologéticos, em demonstrar que soube manter a medida, a moderação, a cortesia, e concentrar suas críticas num nível técnico, não pessoal.

O começo do *De interpretatione recta* mostra claramente tal preocupação. Bruni comenta a reação que o prólogo polêmico que havia escrito sobre sua tradução da *Ética a Nicômaco*, fazendo críticas ao tradutor medieval, teria causado entre os leitores.

*Sed non sumus transgressi modum iudicio nostro, sed quamvis indignantes modestiam tamen humanitatemque servavimus. Sic enim cogito. An ego quicquam in mores illius dixi? An in vitam? An ut perfidum, ut improbum, ut libidinosum reprehendi? Nihil profecto horum. Quid igitur in illo reprehendi? Imperitiam solummodo litterarum. Hoc autem, per deum immortalem, que tandem vituperatio est? An non potest quis esse vir bonus, litteras tamen aut nescire penitus aut non magnam illam, quam in isto requiro peritiam habere? Ego hunc non malum hominem, sed malum interpretrem esse dixi.*

Porém, a nosso ver, não ultrapassamos a medida, mas, apesar de nossa indignação, mantivemos a moderação e a cortesia. É o que penso, pelo menos. Ou será que falei algo contra o seu caráter? Contra a sua vida? Ou então o critiquei como uma pessoa péruida, má, dissoluta? Absolutamente nada disso. O que foi que critiquei nele, então? Apenas e tão somente a imperícia nas letras. Mas, por nosso Deus imortal, que espécie de vitupério é esse? Então não pode alguém ser uma pessoa de bem, mas desconhecer completamente as letras ou, ao menos, não ter aquela grande pericia que exijo nesse domínio? Não disse que se tratava de uma pessoa má, mas de um mau tradutor. (Bruni *Int. Rect.* 3)

Observa-se, aqui, o cuidado em diferenciar a crítica pessoal da crítica técnica. A crítica pessoal diz respeito à vida e ao caráter do criticado, e será associada, na correspondência, à calúnia.<sup>16</sup> A crítica técnica, em contrapartida, concerne à falta de *peritia litterarum* — a mesma que Bruni faz de Angeli no *Círcero Novo*, ao apontar sua suposta *ignoratio grecarum litterarum*. Restringir-se ao aspecto técnico, evitando a crítica pessoal, é, para Bruni, marca de medida, moderação, cortesia ou senso de humanidade. Repare-se que a última frase do trecho citado encaixa-se perfeitamente com o que o autor observa no *Círcero Novo*: tal como Grossatesta não é má pessoa, segundo o Aretino, mas mau tradutor, assim também Angeli é um homem de bem, mas não tem erudição suficiente para realizar a tradução de Plutarco a contento.

### *ignoratione grecarum litterarum*

Observemos, antes de tudo, que *ignoratio grecarum litterarum* (“desconhecimento das letras gregas”) é diferente de *ignoratio grece lingue* (“desconhecimento da língua grega”), ao contrário do que entendem alguns estudiosos.<sup>17</sup> O *De interpretatione recta* faz uso de expressões relativas ao conhecimento da língua propriamente dita: § 5: *utriusque lingue peritiam* (“domínio de ambas as línguas”); 6: *notitia [...] illius lingue de qua transfers* (“conhecimento da língua de que se traduz”); 10: *linguam illam, de qua sumit, peritissime scire* (“conhecer à perfeição a língua original”); 45: *propter ignorantiam*

<sup>16</sup> Cf. Ep. 4.22.140 (= 7.4.89): *Equidem si vitam illius, si mores, si genus insectatus essem, tunc faterer me maledixisse. Sed nichil tale attigi, neque attingerem. At enim de litteris studiisque contendere, ac interdum vehementer urgere, & si res exigat adversarium pungere, disserere id quidem est, non maledicere* (“De minha parte, se eu tivesse atacado sua vida, seu caráter, sua estirpe, aí sim eu reconheceria tê-lo caluniado. Mas nada abordei nesse sentido, nem o faria. Em contrapartida, discutir sobre as letras e os estudos, bem como, por vezes, acossar com insistência e, se for o caso, espicaçar o adversário, isso é debater, não caluniar”).

<sup>17</sup> Cf. TAKADA, Y. “Leonardo Bruni’s *Cicero Novus*”. Em: 4th Conference of the International Society for Classical Tradition, 1998, 66: “ignorant of ancient Greek”; BERNARD-PRADELLE, L. (ed.) *Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento*. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions, 2008, 409: “à cause de son ignorance de la langue grecque”.

*lingue*<sup>18</sup> (“por ignorância da língua”). Não é o caso, porém, que *peritia lingue* (“domínio da língua”) e *peritia litterarum* (“domínio das letras”) sejam campos inteiramente diversos. Na verdade, a primeira é enriquecida pela segunda: para Bruni, quanto mais versado é um autor nas letras, mais profundo é o seu conhecimento da língua. Conforme *Int. Rect.* 6, o conhecimento da língua que não é apoiado no conhecimento das letras é superficial e comum. Outra formulação que poderíamos depreender é que para traduzir não basta o conhecimento da língua, é preciso também o conhecimento das letras: em *Int. Rect.* 5, Bruni afirma explicitamente que o conhecimento das duas línguas (ou seja, da língua original e da língua de chegada) é essencial para a tradução correta, mas não basta.

Bruni explicitará em que consiste a *peritia litterarum* em dois passos do *De interpretatione recta*, que nos permitirão determinar a natureza da crítica a Angeli no *Círculo Novo*.

*Magna res igitur ac difficilis est interpretatio recta. Primum enim notitia habenda est illius lingue, de qua transfers, nec ea parva neque vulgaris, sed magna et trita et accurata et multa ac diuturna philosophorum et oratorum et poetarum et ceterorum scriptorum omnium lectione quae sita.*

Portanto, a tradução correta é algo grandioso e difícil. De fato, é preciso, em primeiro lugar, ter o conhecimento da língua de que se traduz — e não um co-nhecimento superficial ou comum, por sinal, mas profundo, adestrado, cuidadoso e adquirido mediante a leitura vasta e habitual de filósofos, oradores, poetas e de todos os demais escritores. (Bruni *Int. Rect.* 6)

*Sit igitur prima interpretis cura linguam illam, de qua sumit, peritissime scire, quod sine multiplici et varia et accurata lectione omnis generis scriptorum numquam assequetur.*

Portanto, que a primeira preocupação do tradutor seja conhecer à perfeição a língua do original, o que jamais conseguirá sem a leitura eclética, variada e meticulosa de todo tipo de escritor. (Bruni *Int. Rect.* 10)

O problema, portanto, não é que Angeli não tenha conhecimento da língua grega, mas que seu conhecimento seja, na visão de Bruni, superficial, por conta de sua falta de erudição. É por isso que 1) ele é *non satis eruditum* (“não culto o bastante”) (C.N. 1.2); 2) os autores que Bruni exorta a segui-lo em espírito de emulação devem ser *ingenue eruditi* (“educados nas artes liberais”) (C.N. 3.4); e 3) Bruni afirma, em C.N. 1.2, que já lera Plutarco em grego *diligenter et accurate* (“com apuro e atenção”). É o pré-requisito para o entendimento profundo que tem do original, da má tradução de Angeli, e da tradução, enfim, e da nova versão que fará da obra.

A leitura do *De interpretatione recta* expõe os problemas que a falta de *peritia litterarum* causa: quem é desprovido dela não é capaz de diferenciar os diferentes sentidos dos vocábulos (*Int. Rect.* 6); não conhece expressões idiomáticas (*Int. Rect.* 7–8); não conhece o uso da língua (*Int. Rect.* 7; 38); não é capaz de identificar citações literárias parciais ou integrais (*Int. Rect.* 9–10); e não é capaz de manter a elocução do original, em seus vários aspectos (*Int. Rect.*, 15–19). Tudo isso advém, de uma maneira ou de outra, dessa vasta cultura literária exigida por Bruni.

*parum responderet parumque concinne*

Para o entendimento do primeiro termo da crítica a Angeli, *respondenter*, é preciso rastrear na correspondência do Aretino o uso do verbo *respondere*, que não ocorre

---

<sup>18</sup> Cf. Ep. 4.22.140: *ob ignorantem latinæ linguae* (“por desconhecimento da língua latina”).

no *De interpretatione recta*. Bruni usa o verbo *respondere* em pelo menos duas cartas para fazer uma leitura crítica de traduções de terceiros, e em uma terceira para enunciar um princípio geral de tradução. À leitura desses três passos mais genéricos do conceito, acrescentaremos a de um passo análogo do *De interpretatione recta*, uma discussão mais técnica e aprofundada, que emprega o cognato *correspondere*, mas claramente como sinônimo do verbo simples.

Comecemos com uma avaliação crítica positiva das traduções de Boécio,<sup>19</sup> que é repetida em duas cartas da coleção.

*Textus est nitidus, & planus, & graeco respondens.*

O texto é claro, comprehensível e corresponde ao grego. (Bruni *Ep.* 4.22.139 = 7.4.89)

À maneira das outras duas ocorrências que veremos em seguida, Bruni não usa o termo em absoluto, como no passo do *Cícero Novo*, mas ligado a seu referente (o dativo *graeco*), o que torna o seu sentido mais claro e direto do que na carta prefacial. A falta de exatidão da tradução de Angeli consiste na falta de correspondência do texto latino com o grego, portanto.

No exemplo seguinte, uma carta a Francesco Filelfo, Bruni analisa brevemente a tradução que o amigo fez do *De Ilio non capto*, de Dião Crisóstomo.<sup>20</sup>

*Traductio vero Dionis a te facta vehementer michi placet. Est enim illustris, & erudita, & graeco respondens. Talis denique, ut quamquam saepe alias graece legerim, tamen latinum legisse michi fuerit perjocundum.*

A tradução que você fez de Dião agrada-me muito: ela é brillante, erudita e corresponde ao grego. A tal ponto, por sinal, que, embora tenha lido [o texto] em grego em muitas outras ocasiões, senti enorme prazer ao lê-lo em latim. (Bruni *Ep.* 5.6.31)

É de reparar que se trata, neste caso, do contrário da surpresa da carta prefacial: nesta, Bruni conhece bem o texto original de Plutarco, mas tem uma surpresa desagradável, entre outros motivos, porque Angeli não é culto o suficiente e porque sua tradução é pouco exata. Na carta a Filelfo, temos o inverso: Bruni conhece bem o original de Dião e sente um enorme prazer ao encontrar uma tradução que faz jus a ele. Note-se que, além do critério da correspondência do latim ao grego, temos também o da erudição (ou seja, a erudição do tradutor que se reflete no texto traduzido), tal como na crítica a Angeli.

Na carta que escreve ao arcebispo de Milão, Francesco Pizolpassi, para se defender das críticas a sua tradução da *Ética a Nicômaco* feita pelo bispo de Burgos, Alfonso García de Cartagena,<sup>21</sup> Bruni lança novamente mão da ideia da correspondência com o grego para enunciar um princípio básico de tradução:

*Interpretatio autem omnis recta, si graeco respondeat, viciosa, si non respondeat.*

Toda tradução é correta se corresponde ao grego, viciosa, se não corresponde. (Bruni *Ep.* 7.4.85 = 10.24.206)

<sup>19</sup> Bruni faz menção às traduções boecianas de Porfírio e das *Categorias* e *Da interpretação*, de Aristóteles. As virtudes que observa nelas são um fator crucial para assegurar que a tradução da *Ética a Nicômaco* de Grossatesta não é de Boécio, como pretendem alguns, entre eles seu detrator, Alfonso García de Cartagena.

<sup>20</sup> Cf. BERNARD-PRADELLE, L. (ed.) *Leonardo Bruni Aretino. Lettres Familières*. Collection “Histoire et sociétés” Tome II. Presses Universitaires de la Méditerranée, 2014, 488–489, nn. 39 e 43. De acordo com o estudioso, Filelfo estudara grego em Constantinopla com João Crisoloras, irmão de Manuel.

<sup>21</sup> Para o contexto, cf. BERNARD-PRADELLE, L. (ed.) *Leonardo Bruni Aretino. Lettres Familières*. Collection “Histoire et sociétés” Tome II. Presses Universitaires de la Méditerranée, 2014, 499, n. 145.

Neste passo, Bruni elege o princípio da correspondência do texto de chegada com o texto de partida como critério básico de correção de uma tradução. Fica claro, portanto, que ao afirmar que Angeli traduz *parum responderter*, Bruni está desqualificando sua tradução como *interpretatio viciosa*.

Se nas cartas a correspondência com o grego é apresentada em termos mais gerais, no *De interpretatione recta* Bruni aprofunda a discussão técnica, e fica claro que a correspondência que tem em mente é lexical e semântica, mediada pela conveniência ou decoro. No contexto, o Aretino discute qual a tradução mais adequada do termo grego τίμημα (“censo”). Grossatesta traduzira por *honorabilitas* (“honradez”), Bruni, por *census* (“censo”).<sup>22</sup>

*Quid ad hec respondebit interpres noster? Nichil projecto, quod rectum sit. Nam dato uno inconveniente plura sequuntur. Interpres enim noster propter ignorantiam lingue “honorabilitatem” dixit, quod “censum” dicere debebat. Est autem census valor patrimonii, quem iste stulto et imperito et inusitato vocabulo “honorabilitatem” nuncupavit. Ex hoc autem verbo, quod inconvenienter ab “honore” traxit, mille, ut ita dixerim, inconvenientia sequentur. Sed non “honorabilitas” di-cendum fuit, sed “census”; hoc est enim conveniens nomen et Greco proprie correspondens. “honorabilitas” autem inconvenientis ac penitus alienum.*

O que nosso tradutor responderá a isso? Com certeza, nada que seja correto, pois, dada uma inconveniência, várias outras seguirão. De fato, nosso tradutor, por ignorância da língua, usou o termo *honorabilitas*, quando devia ter usado *census*. Ora, *census* é o valor do patrimônio, que esse homem denominou *hono-rabilitas* lançando mão de um vocábulo estúpido, inepto e insólito. De tal palavra, por sua vez, que ele derivou de maneira inconveniente de *honos*, seguiriam, por assim dizer, mil outros inconvenientes. Ele não deveria ter usado *honorabilitas*, porém, mas *census*, pois esse é o termo conveniente e que corresponde propriamente ao grego, ao passo que *honorabilitas* é um termo inconveniente e totalmente impróprio.

A correspondência ao grego, portanto, para Bruni, é um conceito básico de tradução, associado ao conhecimento de língua do tradutor (no exemplo do *De interpretatione recta*, o problema estaria na ignorância da língua de chegada, o latim, e corresponderia, portanto, ao segundo vício da tradução, o *male reddere*, como veremos a seguir) e norteado pelo princípio retórico da conveniência. Ao dizer na carta prefacial, então, que Angeli traduz *pa-rum responderter*, Bruni pensa no aspecto semântico de sua tradução e, quase certamente, em sua falta de conhecimento do latim e consequente incapacidade de encontrar os termos corretos e equivalentes em tal língua.

Para o segundo termo da crítica, *parum concinne* (“[de maneira] pouco harmoniosa”), devemos novamente recorrer ao *De interpretatione recta*, que se aprofunda sobre o tema:

*Denique interpretis vitia sunt: si aut male capit, quod transferendum est, aut male reddit aut si id, quod apte concinneque dictum sit a primo auctore, ipse ita convertat, ut ineptum et inconcimum et dissipatum efficiatur. Quicumque vero non ita structus est disciplina et litteris, ut hec vitia effugere cuncta possit, is, si interpretari aggreditur, merito carpendum et improbandus est, vel quia homines in varios errores impellit aliud pro alio afferens, vel quia maiestatem primi auctoris imminuit ridiculum absurdumque videri faciens.*

Portanto, os vícios do tradutor são: se tem uma compreensão equivocada do que tem de traduzir; se o traduz equivocadamente; ou se sua versão do que o autor original disse de maneira adequada e harmoniosa o torna inadequado, desarmônioso e desconjuntado. Ora, quem quer que, por falta de preparo no método e

<sup>22</sup> Cf. BERNARD-PRADELLE, L. (ed.) *Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento*. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions, 2008, 663, n. 1.

nas letras, seja incapaz de evitar todos esses vícios, se se põe a traduzir, merece justa crítica e desaprovação, seja por induzir as pessoas a vários tipos de erros, ao introduzir um sentido em lugar de outro, seja por diminuir a majestade do autor original, fazendo-o parecer ridículo e absurdo. (Bruni *Int. Rect.* 13)

Os dois primeiros vícios do tradutor (*male capere* e *male reddere*) referem-se ao sentido do texto: no primeiro caso, o do original, no segundo, o da tradução. O terceiro vício (*ineptum et inconcinnum et dissipatum*<sup>23</sup>) diz respeito, de maneira geral, à elocução e ao modo de escrita, de maneira mais específica, ao tom do texto. Cumpre observar que Bruni fala em majestade, ou seja, um tom elevado, e não simplesmente em tom, porque, no contexto de seu tratado, está a tratar especificamente da tradução de texto filosófico aristotélico, não de textos em geral, mas o princípio é claro.

O passo mostra que há dois elementos em questão: de um lado, o método de tradução (*disciplina*); de outro, as letras. Quer isso dizer que a boa tradução envolve um elemento mais específico, que é a teoria da tradução, e outro mais geral, que são as letras. Pelo mérito, o tradutor comprehende o que precisa fazer; pelas letras, é capaz de conferir uma forma literária que corresponda (!) ao modo e ao tom do original.

Uma carta de Bruni a Niccoli em que discute sua tradução dos livros de Platão permite-nos aprofundar o entendimento da *concinnitas* na teoria da tradução bruniana.

*Deinde si verbum verbo sine ulla inconcinnitate, aut absurditate reddi potest, libentissime omnium id ago; Sin autem non potest, non equidem usque adeo timidus sum, ut putem me in crimen lesae majestatis incidere, si servata sententia paulisper a verbis recedo, ut declinem absurditatem. Hoc enim ipse Plato prae-sens me facere jubet, qui cum elegantissimi oris apud Graecos sit, non vult certe apud Latinos ineptus videri.*

Em seguida, se é possível verter palavra por palavra sem cair em alguma desarmonia ou no absurdo, faço-o com mais prazer do que qualquer outra pessoa. Se não é possível, porém, não sou tão medroso a ponto de julgar que incorri em crime de lesa-majestade se, preservando o sentido, afasto-me um pouco das palavras, a fim de evitar cair no absurdo. É que o próprio Platão, em pessoa, ordena-me que o faça, ele que, dotado de uma fala extremamente elegante entre os gregos, certamente não quer passar por inepto entre os latinos. (Bruni *Ep.* 1.8.17)

O passo da carta mostra que a *concinnitas* é um critério de tradução bruniano: é ela que assegura a *elegantia* do texto, garantindo que faça jus ao autor original. É de reparar que a *concinnitas* também se contrapõe à tradução literal, palavra por palavra, associada à inépcia ou inadequação do tradutor (cf. *ineptus videri*). Esse tipo de tradução é admissível apenas e tão somente se a *concinnitas* estiver assegurada. Caso contrário, à condição de que o sentido seja mantido (cf. *servata sententia*), a tradução literal deve ser abandonada em prol da elegância.

Outro passo do *De interpretatione recta* complementa o conceito exposto na carta anterior:

*His vero exemplis abunde patet neminem posse primi auctoris maiestatem ser-vare, nisi ornatum illius numerositatemque conservet. Dissipata namque et incon-cinna traductio omnem protinus laudem et gratiam primi auctoris exterminat. Ex quo scelus quodammodo inexpiabile censendum est hominem non plane doctum et elegantem ad transferendum accedere.*

<sup>23</sup> O terceiro vício, desdobrado em três adjetivos por Bruni, poderia ser designado por *ineptia* (“inadequação”), substantivo abstrato de seu elemento mais amplo (*ineptum*), responsável pelos outros dois (*inconcinnum* e *dissipatum*).

Esses exemplos deixam bastante claro que ninguém é capaz de manter a majestade do autor original sem preservar o seu ornato e o seu ritmo. De fato, uma tradução desconjuntada e desarmoniosa destrói completamente a excelência e a graça do autor original. Daí que se deva considerar um crime de certa forma imperdoável que alguém que não seja inteiramente douto e elegante se ponha a traduzir. (Bruni *Int. Rect.* 30)

Este trecho talvez seja o de formulação mais clara e concreta do que Bruni entende por *concinnitas*: 1) refere-se, como já observado, à elocução; 2) diz respeito a dois aspectos: o ornato e o ritmo; 3) tem um efeito de conjunto, o tom do original: antes, Bruni havia falado em majestade; agora fala também em graça e, de maneira mais geral, do mérito ou excelência do texto, a sua *laus* — ou seja, aquilo que torna um texto grande, de uma maneira ou de outra. Fica claro que, se não for mantida, essa qualidade do texto morre na tradução. Uma vez mais, a responsabilidade pelo vício da tradução é da falta de formação (cf. *non plane doctum*, “não inteiramente douto”).

## CONCLUSÃO

Os pontos principais da carta prefacial do *Círcero Novo* são a imitação de Cícero e a emulação de Plutarco e Iacopo Angelini.

A imitação de Cícero, verdadeira homenagem ao pai das letras latinas, revela uma escrita visceralmente ciceroniana: temos a imitação e a apropriação de formulações, situações, ambientações e conceitos. Bruni 1) não apenas usa uma construção típica de Cícero, como também a utiliza em contexto análogo, o início de uma obra e de uma reflexão; 2) na mesma linha, não apenas se apropria do conceito de *otium* como o momento por excelência para a leitura e a escrita, como também o emprega em contextos análogos de sua obra, como o início de diálogos e passos de cartas em que comenta sua atividade literária nos momentos de pausa da atividade pública; 3) também alude intertextualmente a uma carta de Cícero ao irmão Quinto, por meio da retomada inequívoca do léxico, de tempos verbais e, uma vez mais, de um contexto análogo, conferindo extrema coesão à carta prefacial; e 4) à maneira de Cícero, fará um uso seletivo das fontes, a partir de seu arbítrio e de sua vontade, podendo fazer acréscimos e supressões a seu critério (a carta prefacial fala de acréscimos, mas o confronto intertextual deixa claro que o critério vale também para os cortes e remanejamentos do texto plutarquiano).

A emulação de Iacopo Angelini diz respeito ao conhecimento das letras e à capacidade de traduzir dela advinda, quando somada ao talento. Os problemas de Angelini seriam, segundo a carta prefacial 1) o desconhecimento das letras gregas, que implica um conhecimento apenas superficial e comum da língua grega e uma decorrente incapacidade de identificar expressões idiomáticas, usos linguísticos, citações literárias parciais ou integrais e de manter a elocução do original; 2) o desconhecimento do latim, que o leva a cometer erros e não conseguir encontrar os termos correspondentes ao grego em latim, resultando numa deturpação da língua latina e numa tradução viciosa; e 3) a incapacidade, decorrente da falta de talento, de traduzir o texto grego de maneira harmoniosa. Se tornarmos aos três vícios do tradutor apontados em *Int. Rect.* 30, notaremos que o víncio 1 (*male capere*) está associado a quase todos os problemas decorrentes do desconhecimento das letras; o víncio 2 (*male reddere*), ao desconhecimento do latim; e o víncio 3, enfim (*ineptum et inconcinnum et dissipatum*), à falta de talento.

A triangulação com outras obras de Bruni lança luz sobre conceitos que estão apenas sugeridos na carta prefacial. O confronto com o *De interpretatione recta* e as cartas sobre tradução revela, assim, que Angelini, na visão de Bruni, apresenta uma falta de erudição

e de conhecimento das letras e de línguas que o impede de traduzir o texto de uma maneira que faça jus ao texto original de Plutarco e, o que é imperdoável para o autor, a Cícero. Tudo somado, Leonardo Bruni, ao contrário de Angeli, seria dotado do conhecimento das letras em geral e da obra de Cícero em particular para fazer jus à escrita da obra. E a prova disso estaria na própria escrita do *Cícero Novo* e, particularmente, em sua carta prefacial, com sua escrita visceralmente ciceroniana. É como se o autor estivesse a nos dizer que o *Cícero Novo* anunciado no título da obra é ninguém mais do que ele mesmo.

## REFERÊNCIAS

- BERNARD-PRADELLE, L., ed. (2008). *Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento*. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions.
- ed. (2014). *Leonardo Bruni Aretino. Lettres Familieress*. Collection “Histoire et sociétés” Tome II. Presses Universitaires de la Méditerranée.
- ESPOSITO, P. (2004). “La morte di Cicerone da Livio a Fruttero & Lucentini”. Em: *Cicerone tra antichi e moderni. Atti del IV Symposium Ciceronianum Arpinas*. Ed. por E. Narducci. Firenze: Felice Le Monnier, pp. 82–104.
- FRYDE, E. B. (1983). *Humanism and Renaissance Historiography*. Vol. 21. London: The Hambleton Press.
- HANKINS, J. (2003). “Manuel Chrysoloras and the Greek Studies of Leonardo Bruni”. Em: *Humanism and Platonism in the Italian Renaissance. I: Humanism*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, pp. 243–271.
- IANZITI, G. (2012). *Writing History in Renaissance Italy*. I Tatti studies in Italian Renaissance history. Cambridge e London: Harvard University Press.
- LAUGHTON, E., ed. (1964). *The Participle in Cicero*. Oxford: Oxford University Press.
- LEEMAN, A. D. e PINKSTER, H. (1981). *M. Tullius Cicero. De oratore libri III*. 1. Band: Buch I, 1–165. Carl Winter.
- LEVINE, Ph. (1958). “Cicero and the Literary dialogue”. Em: *The Classical Journal* 53.4, pp. 146– 151.
- MEHUS, L., ed. (1741). *Leonardi Bruni Epistolarum Libri VIII*. Florentiae: Ex Typographia Ber-nardi Paperinii.
- SCATOLIN, A. (2021). “*Cicero Novus*, de Leonardo Bruni: *De consulatu Ciceronis*”. Em: *Revista Sísifo* 13, pp. 235–268.
- (2022). “Leonardo Bruni, *Cicero Novus* 4–14”. Em: *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Edição especial, pp. 125–143.
- TAKADA, Y. (1998). “Leonardo Bruni’s *Cicero Novus*”. Em: *4th Conference of the International Society for Classic*, pp. 65–79.

VITI, P., ed. (2013). *Leonardo Bruni. Opere letterarie e politiche*. Classici. Torino: UTET.